O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 35.º — N.º 1746

Sábado, 22 de Agosto de 1942

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Solidários e fortes na nossa unidade

Porquê e para quê dividirmo-nos à volta de interêsses estranhos? — assim preguntou Salazar, em 25 de Junho dêste ano, na sua Comunicação ao país.

Se nesta conflagração há problemas universais, também Salazar então declarou que *temos feito clara profissão de doutrina, e que muito antes da guerra tomámos partido, àcêrca dêles.* Assim como nos conhece o Mundo, por essa mesma clara profissão, assim nós, por meio dela, vamos seguindo rumo bem definido. Não é, pois, neste caso, que nos temos de dividir da nossa unidade nacional, derredor de interêsses estranhos. Ficam, dêste modo, confinados tais interêsses à preocupação de triunfar e de viver de qualquer dos beligerantes. Já essa preocupação, que é de estranhos, *será um interêsse nacional?* — Salazar, que também, por outras palavras, assim nos interrogou, na mesma Comunicação, responde d'estarte: *Quando o seja, não havemos de estar divididos, mas solidários e fortes na nossa unidade.*

Conclue-se, portanto, que não há razão nenhuma para nos dividirmos por conta de interêsses alheios; mas, pelo contrário; em face dêsses interêsses, o nosso dever é estarmos unidos, e estarmos unidos, por que tal é a exigência do interêsse da nação.

Cartas a uma amiga de longe

Agosto, 1942

Minha querida:

Infelizmente desta vez foi verdadeiro o boato, que por essas longínquas terras correu, do afundamento dum lugre bacalhoeiro, pertencente à praça daqui. Foi o *Maria da Glória*. Velas ao vento, pelo mar fora, levavam os marinheiros à mistura com as saüdades e a tristeza de partir, a esperança de uma boa faina e de um regresso calmo e feliz. Vã esperança, afinal, que em breve se desfez... Para tal não foi preciso mais do que uma bomba traiçoeira que, em minutos, sepultou nos abismos tantas almas, existências preciosas de indómita coragem.

Mais um barco português que desapareceu para sempre! Desta vez, porém, a tragédia é maior ainda, desde que se perderam as esperanças de se terem salvo a maior parte dos marinheiros. Preguntas-me o que teria acontecido para o *Maria da Glória* ter um fim tão trágico. Sei lá!...

Desgraçados pescadores, todos homens dos nossos lados, de alma boa e coração generoso, alguns até conhecidos! Não voltarão mais à terra e sabe-se lá o que terão sofrido até morrer! Na beira-mar, quando a tragédia constou, houve gritos e choros e durante dias as famílias viveram em terrível ansiedade. Acredita que não sei o que será melhor — se a incerteza dos primeiros tempos, em que uma luzinha brilhava ainda na espessura das trevas, se esta certeza de agora, brutal e esmagadora. Desgraçados pescadores, os que mais sofreram, os que menos ganhavam, os que menos ambicionavam e os que morreram!

Um abraço da

Zèmi

Quere uma boa esposa?

Guie-se por esta forma prática de a escolher, partindo duma simples batata:

Rapariga que cortar as peles muito grossas, é gastadora; se deixar os olhos, é preguiçosa; se só as lavar numa água, não é asseada; se quando as põe ao lume lhes junta muita manteiga, é gulosa; se as deixa queimar, é descuidada. Portanto, leitor, se encontrares uma que saiba pegar numa batata, descascá-la, lavá-la e cozinhá-la, leva-te por o conselho duma revista francesa: casa com ela imediatamente, quer seja bonita ou feia, pobre ou rica.

Que ficas garantido...

Pela ria fora

Realizou-se domingo, através do nosso vasto e inegualável estuário, o passeio promovido pelo *Club dos Galitos*, no qual tomaram parte bastantes associados com suas famílias que em quatro barcos saleiros, todos engalanados, fizeram a travessia da ria até à Mata de S. Jacinto.

Após a chegada dos *transatlânticos* e à sombra do frondoso arvoredo daquele aprazível recinte, procedeu-se ao *ataque* aos farneis que em pouco tempo desapareceram, regados com o delicioso sumo da uva, imprescindível nestas digressões.

Como era do programa, o jazz *Os Papagaios* acompanhou os excursionistas, que regressaram quando a tarde ia a declinar, não se tendo registado qualquer nota discordante.

Visitai o Parque da Cidade

PAUS ABAIXO

A pouco e pouco vão desaparecendo do centro da cidade os enormes pinheiros que servem de suporte aos fios telegráficos e telefónicos, presumindo nós que, dentro em breve, apenas ficarão ao alto, a atestar o bom gôsto camarário, os quatro troncos de palmeiras junto das escolas primárias da Glória.

Valha-nos Nossa Senhora...

Dr. Dias Candal

Um grupo de amigos ofereceu, na quarta-feira, à noite, um jantar ao considerado clínico, que em breve retira desta cidade temporàriamente, e durante o qual foram postas em destaque as qualidades que lhe exornam o carácter, tornando-o querido de quantos o conhecem.

Lamentamos não termos conhecimento da homenagem, pois teriamos imensa satisfação de nos associarmos a ela, como amigo e admirador, que somos, do sr. dr. Manuel Dias da Costa Candal.

Admirável panorama

É o que oferece actualmente a nossa laguna por virtude da grande quantidade de montes de sal que sôbre ela aflora numa vastíssima extensão.

Aveiro, vista agora dos pontos elevados, tem qualquer coisa de surpreendente, de maravilhoso. Assim houvesse iniciativa e dinheiro para acompanhar a Natureza no que ela nos proporciona de belo, de encantador, de soberbo — de rico!

Só falta isso.

Bilhete da Praia

Costa Nova, 20

Noite de luar claro.

A ria, que os meus olhos não cessam de contemplar, parece de prata, vogando sôbre as suas águas mansas dois barquitos de dentro dos quais se trauteiam cantigas quási imperceptíveis. Escuto. E recordo, então, o que foi a Costa Nova doutros tempos, quando as raparigas se juntavam em volta das banzas e se expandiam, cantando alegremente ao som delas até quási à madrugada. Ainda tenho na memória os nomes de algumas, principalmente do grupo que predominava em Setembro. Compunha-se, entre outras, da Irene, da Laura, da Rosita, da Filomena, da Maria Luísa, da Julinha e da Gabriela que para aqui vinham de Aveiro e Ilhavo veranear com as famílias, divertindo-se e concorrendo para que não faltasse, na praia, a alegria estuante da sua mocidade. E eram tôdas lindas, por sinal. Mas a Filomena, com os seus olhos negros, as suas feições mimosas, a sua galanteria e a sua vivacidade, era a que mais se distinguia e insinuava, chamando a atenção dos banhistas. Lembro-me como se fôsse hoje. Essa rapariga, nova, talvez de 18 anos, até chegou a fazer de mim... um vate! Não te rias, leitor. E' que um dia peguei na pena e, concentrando-me, com o pensamento nela—na linda Filomena—escrevi:

Eu quero-te tanto, tanto,
Que não podes imaginar
Como me atrái o encanto,
A doçura do teu olhar.

Formosa como tu és
E travêssa do coração,
Sinto-me bem a teus pés
Por amor, por afeição.

Os meus ardentes desejos
Quando te vejo a sorrir,
E' só cobrir-te de beijos
Que são flôres do porvir...

Claro que estas e outras quadras—por que não fiquei só por aqui—não passou de simples devaneio, deixando, depois, tudo enterrado na areia, como acontece ao amor das praias...

Mais tarde soube que a interessante rapariga—azougada, esbelta, formosa—casara, mas fôra infeliz. Confesso que tive pena.

Que será feito dela e das suas restantes companheiras?

A Costa Nova do Prado! Quem te viu e quem te vê!... Dos traços antigos já pouco resta, a não ser os que a Natureza vinca e não há maneira de se transformarem. Agora tudo é modernismo, pelo que as noites de luar passam quási despercebidas, indiferentes, por não haver quem as aprecie—quem as cante. Outros usos, outros costumes... Todavia, não quero deixar a Costa sem esta ligeira referência ao passado, recordando-o com aquela saüdade que até me contrista ao observar como diferem as duas épocas—a do romantismo, da poesia amorosa, e a da mulher pintada, de calças e cigarro fumegante na bôca...

JOÃO DO CAIS

O Congresso da Imprensa Regional

O *Povo da Beira*, pela pena do dr. Melo e Castro, que proficientemente o dirige e esta semana voltou a Aveiro, estando, de novo, comnosco, publica no seu último número um artigo em que marca as directrizes a observar no anunciado Congresso da Imprensa Regional, das quais tomamos nota, estando plenamente de acôrdo com a orientação preliminar dos trabalhos. O Congresso é de jornais e não de jornalistas — diz bem o nosso colega. E acrescenta: «O que para lá se vai discutir interessa aos jornais e não aos colaboradores dos jornais. São duas posições inteira e absolutamente distintas e que se não devem nem podem confundir.» Porque, prossegue ainda o *Povo da Beira*, se trata «dum Congresso da Imprensa e não dos trabalhadores da Imprensa, que, sendo, aparentemente, bastante parecidos, são, no entanto, diferentes em princípios, ideias, interêsses e fins.»

Temos, pois, as coisas postas como deve ser. Com tôda a clareza, com tôda a precisão. Nestas condições, iremos ao Congresso, que, não sendo o primeiro, como erradamente tem aparecido em alguns jornais, por, em Setembro de 1930, ter havido um, em Lisboa, do qual saíu o Sindicato da Pequena Imprensa, que uns senhores, mais tarde, liquidaram ignòbilmente, reconhecemos nêle a maior utilidade, desde que se tenha apenas em vista o interêsse colectivo.

A fôrça da alegria

Um articulista do *Diário de Coimbra* veio dizer-nos, com o título da epígrafe, que «a boa disposição não se traduz, sempre, pela gargalhada, nem, muitas vezes, precisa de simples sorriso. Do que carece, fundamentalmente, é de serenidade, é de paz de espírito.»

E acrescenta:

Os temas geralmente usados em literatura tendem a deprimir o ânimo, a desencorajar, a encher o homem de escusadas inquietações. A poesia abusa da dôr. Não há soneto nem quadra que não tenham por motivo o sofrimento, o pesar, a tristeza, a amarga saüdade. E de notar que a saüdade de momentos bem passados é, ou deveria ser, confortante. De tal modo, porém, se fez ligar à saüdade a ideia de infortúnio que, não raro, nos é penosa a recordação dos mais felizes instantes da vida.

São justas e oportunas estas considerações pelo que as trasladamos para as nossas colunas, fazendo côro com quem as escreveu, visto o que importa é «adquirir o costume de ser alegre sem ser espalhafatoso, de ser confiante sem ser atoleimado, embora sejam preferíveis, muitas vezes preferíveis, o espalhafato e a toleima à deprimente e desoladora tristeza que para aqui vai.»

Se é preciso reagir contra êsse modo de viver, cá nos encontram para ajudar. Viva a alegria!

ESTUDOS REGIONAIS

História da terra aveirense

Geologia do Quaternário

pelo dr. Alberto Souto

I

Pela forma por que êste jornal anunciou a série de artigos que hoje inicio, os leitores podem ter suposto ser meu propósito falar-lhes do passado social da cidade de Aveiro.

Não é assim.

Em primeiro lugar a cidade de Aveiro ocupa um lugar mínimo na história geral da terra aveirense, considerada como neste estudo eu a considero—sinónimo de terra litoral vouguense ou beira-marinha, praia oceânica do ocidente europeu.

Em segundo lugar, não é da *história* que vulgarmente se chama História, isto é dos factos humanos de data meramente secular que tenciono ocupar-me no pequeno estudo, ensaio de estudo, ou simples notícia, que vai seguir-se.

É um êrro muito geral tomar-se e acreditar-se como história total de uma localidade, região, país ou nação, o relato de alguns sucessos em que aí intervieram alguns homens ou algumas famílias numas centurias próximas. Há mesmo quem se deleite em investigar com insano trabalho certas genealogias familiares na convicção de que a história dessas famílias é a verdadeira e única história do agregado social respectivo.

É um conceito pigmeu da História.

A história de algumas famílias e a própria história de homens verdadeiramente célebres e do povo que habita ou habitou certo território, não é a história integral dêsse território, mas apenas uma página, um capítulo, por vezes um ínfimo episódio do revestimento humano da sua superfície considerada esta como suporte de um povoamento e teatro de uma civilização.

E sabido como é que entre a terra, elemento físico essencial, e o Homem seu habitante ha uma relação que importa acções e reacções constantes atravez dos tempos, a terra toma cada vez mais na história do Homem um papel importante.

A história da terra, a história geológica, isto é, a investigação e relato das vicissitudas da terra elemento, é, assim, a introdução necessária e indispensável ao estudo da história do povo ou da nação.

Sucede, porém, que o estudo da história da terra é muito mais novo do que o estudo e o relato histórico da vida dos agregados humanos e das sociedades presentes.

A história da terra propriamente dita, isto é a história geológica, é uma ciência do século passado, uma ciência recente e que se debate ainda com enormes enigmas.

Um dos seus maiores enigmas e mais apaixonantes e um dos que modernamente mais está prendendo as atenções dos que a cultivam, e daquêles que pretendem estabelecer o laço que une a história geológica com a História propriamente dita ou história humana—os prehistoriadores—é o grande enigma do Quaternário.

Geólogos, antropólogos e arqueólogos trabalham afincadamente em devassar os segredos, resolver as incógnitas e esclarecer as obscuridades dêsses tempos em que a superfície da terra tomou o aspecto geral actual e em que nela surge o Homem com a sua indústria.

O estudo da Era Quaternária ou antropozoica nesta região, estudo que se iniciou apenas em 1876 com as descobertas da Mealhada, é o objecto dos artigos que vão seguir-se, que devem ser tomados apenas, e com boa vontade, como uma achega para o último capítulo da nossa história geológica.

* * *

Em 1939 publiquei no *Arquivo do Distrito de Aveiro* a primeira tentativa de coordenação dos trabalhos sôbre o Quartenário regional em ordem a poder, mais tarde, noticiar novos estudos ou possíveis descobertas e sistematisar o assunto, integrando-o no quadro geral da geologia do Antropozoico, isto é, da idade em que sôbre a terra aparece, e inequivocamente, o Homem.

O problema tal como o puz, e como o expusera anteriormente em comunicação perante a Sociedade Portuguêsa de Antropologia e Etnologia, falando do Paleolítico da Mealhada e Pampilhosa, carece já hoje de ser actualisado.

Posteriormente às minhas intromissões no assunto, o professor snr. Doutor João Garrington publicou *Os Fosseis de Aveiro e Algumas Considerações Geológicas e Evolução do meio geográfico na Pre-história de Portugal*. O sr. G. Zbyszewzki, dos Serviços Geológicos, deu á publicidade *Contribution à l'étude du littoral quartenaire du Portugal* e o ilustre professor do Colégio de França Rev.º Henry Breuil, refugiado em Portugal, depois de visitar o vale do Certima, com os srs. drs. Vergilio Correia e Orlando Ribeiro, da Universidade de Coimbra, e comigo, como aqui referi, publicou alguns trabalhos sobre o nosso país que, como os outros primeiramente mencionados, muito interessam ao problema das nossas praias e terraços fluviais e marinhos do post-plioceno, isto é, ao estudo da terra que, entre nós, viu os primeiros homens, e onde os instrumentos de pedra ou os restos de fauna fossil nos asseguram, de facto, da sua existência.

Urge entregar á publicidade regional um apontamento, ligeiro e resumido que seja, sôbre estas investigações que importam sobremaneira á nossa cultura.

Esforçamo-nos por levar o mais longe possivel, na noite dos tempos, a

O TEMPO

Depois de prolongada estiagem, vieram esta semana uns chuviscos como amostra da chuva cuja falta se fez sentir na altura própria.

Tudo serve.

Á meia luz

A iluminação da cidade, tendo entrado no regimen das restrições, dá a entender que alguma coisa de anormal se passa e tal determina.

Os leitores sabem o que é. Escusamos, por isso, de dizer mais.

Música no Rossio

Na quarta-feira tocou, pela primeira vez, a Banda José Estêvão, que foi apreciada por grande número de ouvintes.

A noite esteve desagradável. E se o concêrto principiasse uma hora mais cêdo não se perdia nada.

Exames

Depois de concluir, com distinção, o seu exame de 2.º grau, ficou aprovada no de admissão ao liceu, a menina Cremilde Pereira Vaz Pinto, filha do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5.

Também fez o estágio para Agente Técnico de Engenharia de Obras Públicas e Minas, sendo em seguida destacado para o norte do país, onde se encontra em pesquizas de terrenos para exploração de minério, o sr. Francisco José Pinto, também filho daquele nosso assinante.

Felicitações a ambos, extensivas a seus estremosos pais.

pesquiza dos vestigios do Homem que nos recuados e obscuros dias da época glaciaria, inter-glaciária e post-glaciaria teria ensaiado os seus passos pelas margens dos nossos rios e pelas praias do nosso mar, e que teria espreitado ainda, nos nossos prados, florestas e chavascais, os elefantes e os hipopotamos, os rinocerontes, os velhos ursos e cervos e as hienas... Descobrir e seguir as pégadas do nosso remoto antepassado, chamado paleolítico porque da pedra rude, lascando-a, fez os seus artefactos, e reconstituir o panorama geográfico e biológico coevo do seu *habitat* nestas paragens do ocidente europeu, que se distendem a um e outro lado do Vouga; relacionar esse panorama paleo-humano e paleo-geográfico com os aspectos similares seus contemporaneos na Europa e no Mundo, é ajudar localmente o grande impulso em que a Ciência anda de esclarecer as origens da Humanidade e a história da sua evolução.

Não é outro o desejo e o escopo de quantos no problema trabalham e a êstes assuntos entre nós se dedicam.

* * *

Parece inadequado para semelhantes temas o corpo de um semanário local, mas eu sigo a minha própria tradição, arquivando aqui, e por êste meio de facilima acessibilidade, alguns dos meus modestos tentamens ou a notícia dos valiosos estudos daqueles homens de ciencia que, por amor dela, têm visitado a nossa região ou a ela se têm referido.

As minhas férias profissionais proporcionam-me o ensejo e o vagar. Os leitores do jornal, desinteressados da prosa e do problema, desculparão mais uma vez e a despeito do assunto *guerra* que a todos nós inerva e preocupa, apaixona e apavora.

Esmagados pelo horror desta civilização e desta pavorosa actualidade, alguns espíritos procuram afastados e vários refugios. Assim sucedeu em todas as épocas de grande calamidade ou grande transformação social. O hipermisticismo e a grande freqüência dos enclausuramentos religiosos correspondem a fenomenos identicos.

Este é um dos meus refugios e coincide com uma das inveteradas predilecções do meu espírito, mesmo quando resistente aos desalentos do século.

Entretanto é possível que a cultura regional algo aproveite, e oxalá, deste meu divagar por épocas tão afastadas e de tão lenta evolução que nelas os anos são nada e bem pouco as centurias.

Pensemos, pois, por introdução, que o assunto é muito dificil e está pouco debatido no aspecto regional, e que os tempos a que vou referir-me pairam a uma distancia de nós de alguns milhares de anos, porque o início da Era Quaternária terá sido há mais de cem mil anos, talvez há uns seiscentos mil, segundo alguns opinam—e que as fases a assinalar como constituindo acontecimentos de nota em tão remota, confusa e obscura história talvez tenham, em certos casos, como grandes marcos, sinais visiveis, restos ou divisórias, nada menos que milénios!

O "Dia do Bombeiro,,

Foi comemorado, como noticiámos, na terça-feira de tarde com uma parada no Largo do Rossio promovida pela Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, que ao local chamou imensa gente.

Com a banda de música à frente, bandeira e viaturas, os intrépidos *soldados do fogo* atravessaram, garbosamente, algumas ruas da cidade, tendo, em seguida, procedido, sob o comando do sr. tenente Natividade e Silva e na presença da Direcção e das autoridades, à demonstração do material de incêndios, que foi presenciada com natural interesse.

Por último realizou-se o baptismo dum novo auto-pronto-socorro, servindo de madrinha a menina Maria do Carmo da Maia Pinho que sôbre êle espargiu a simbólica garrafa de champanhe; o sr. governador civil, presidente da Câmara e comandante da Polícia passaram revista à Companhia e esta voltou ao quartel disposta a prestar os serviços que lhe sejam reclamados dentro do âmbito da sua competência.

O triunfo dos "Galitos,,

Numa carta dirigida ao Presidente da Secção Náutica do *Club dos Galitos* pelo nosso ilustre conterrâneo e amigo Mário Duarte (filho), consul de Portugal em Berlim, lê-se:

O Primeiro de Janeiro trouxe-me a notícia da vitória do Club dos Galitos *em* out-riggers *de 4, séniors, e* skiffs, *júniors, nos campeonatos nacionais.*

Muitos parabens e um—bravo!—*muito sincero.*

Como sabem, cultivei as duas modalidades, primeiro na Associação Naval de Lisboa (ali ganhei a Taça Dr. Manuel d'Arriaga) *e depois no* Club Mário Duarte, *dessa cidade, com meus irmãos e António Luz (ganhando a* Taça António José da Fonseca, *no Pôrto).*

A morte já ceifou dois remadores da equipa aveirense, Carlos Julio e António Luz, cuja memória evoco com a mais saüdosa recordação. Eram dois grandes remadores em qualquer parte. Conheço, pois, as dificuldades dêste belo sport. *A vitória dos* Galitos *em* out-riggers *de 4 surpreendeu-me. Surpreza agradável porque vejo sempre com prazer o progresso da gente da minha querida terra em todos os campos de actividade.*

Por influxo da educação paterna as vitórias sportivas fazem-me vibrar. Se meu Pai fôsse vivo havia também de ficar muito contente com o vosso triunfo.

Por sua vez, o major Amílcar Gamelas enviou dos Açores à mesma entidade um telegrama nos seguintes termos:

Cá de longe acompanho-vos e o meu coração está convosco. Parabens e avante.

Os bons aveirenses, são assim. Por isso nos desvanecemos em apontá-los como tais.

Além túmulo

José Pinto Bastos

Passou o 2.º aniversário da morte dêste nosso colega de *O Desfôrço*, de Fafe, cuja saüdade ainda perdura dentro da Redacção e no seio da família.

Os bons nunca mais esquecem.

ECLIPSE DA LUA

Na próxima quarta-feira deve observar-se êste fenómeno, mas como é cêdo, só interessa aos que lêem nos astros.

Vão ter uma noite cheia...

JANTAR DE CONGRATULAÇÃO

No *Restaurante Afreixo*, da nossa Beira Mar, foi servido, terça-feira, um jantar em honra do dr. José Cristo, novo licenciado em Direito, ao qual assistiram mais de vinte convivas.

Á sobremesa houve brindes, tendo, no final, agradecido o homenageado.

Carta de Lisboa

Lição de patriotismo

Com o envio a Marrocos dos alunos finalistas das Escolas Naval e do Exército e do II Cruzeiro de Férias da Mocidade Portuguesa acaba o Estado Novo de dar mais uma prova bem eloqüente e frizante, do muito e grande interêsse com que olha a educação da juventude.

Lição de espírito heróico, de patriotismo e de continuïdade histórica, pisando o chão, para nós sagrado, de Marrocos, os nossos rapazes hão de ter sentido o orgulho de lhes correr nas veias sangue português. E' que foi dali, daquelas plagas que, pode dizer-se, teve inicio a época áurea da história-pátria, a época dos descobrimentos e das conquistas. Foi com a conquista de Ceuta que o Infante D. Henrique iniciou tôda essa obra de maravilha que espantou o mundo e de cujos benéficos efeitos a Civilização ainda hoje está aproveitando.

È que, no dizer dum ilustre escritor militar de nossos dias, «a tomada de Ceuta é um acontecimento considerável. Ponto de partida das descobertas, marca mais que a queda de Constantinopla o começo da Idade Moderna.»

Compreende-se, pois, que na hora em que tão acertada e patriòticamente se quere afervorar no espírito da nossa gente o culto do passado e da tradição gloriosa, Marrocos seja um lugar digno de culto quási religioso.

Defesa nacional

A nomeação dos novos comandantes militares dos Açores veio novamente assinalar o interêsse com que o Govêrno olha os importantes e oportunos problemas da defesa nacional.

Os oficiais escolhidos para as mais importantes missões militares daquele nosso arquipélago são, efectivamente, dos mais distintos e ilustres, dos que melhor fôlha de serviço possuem. Cometendo-lhes, neste momento, missão tão importante, o Govêrno quiz não só afirmar-lhes a sua muita confiança, como também assegurar ao país o quanto o interessam e preocupam os problemas vitais da nação.

Horário de trabalho

Foi já publicado na fôlha oficial o decreto alargando o número de horas de trabalho nas actividades em que tal se verifique ser necessário.

Dêste modo se continua dando cumprimento às soluções apontadas por Salazar, como sendo imprescindíveis para se chegar ao abôno familiar.

Ao mesmo que se procura tirar do trabalho um maior e mais fecundo rendimento, tão necessário na hora superiormente difícil que o mundo atravessa, olha-se, também, à situação dos que trabalham, na preocupação louvabilissima de a melhorar quanto possível.

Novo êxito

Resultou mais um grande e patriótico êxito a viagem de António Ferro a Espanha.

Depois da demorada estadia no Brasil, onde tantos e tão notáveis serviços prestou ao estreitamento da amizade luso-brasileira, António Ferro acaba agora de contribuir, e de maneira bem notável, para um maior e mais profundo estreitamento de tão necessária amizade peninsular.

CORDEIRO GOMES

Secção Desportiva

A «TARDE DA RIA»

foi um interessantíssimo espectáculo regional

Milhares de pessoas assistiram, com interêsse, ao festival *Tarde da Ria*, organização do *Sport Club Beira-Mar*. O local onde ela se efectou merece, pelos seus encantos naturais, o passeio. E, para consolo de todos, o tempo estava deliciosamente lindo.

A festa merece continuïdade, podendo ser melhorada. Tem carácter, sabor regional, sabe a maresia. As muitas pessoas que vieram a Aveiro, principalmente essas, acharam-na curiosa, típica, muito *sui-generis*.

A primeira prova a disputar-se foi a de caçadeiras à vela. Triunfou Manuel de Lemos, folgadamente, pena sendo não terem alinhado mais concorrentes. Para a *III Meia Milha*, que se seguiu, alinharam 34 nadadores do Pôrto, de Águeda, da Murtosa, de Esgueira e de Aveiro. Amadeu Moreira — o mais completo e brilhante atleta aveirense de hoje — foi o vencedor. Acácio Agostinho da Costa, João Agostinho da Costa, Domingos Calisto, Cipriano Agostinho da Costa cortaram a *meta* logo após o vencedor. Salvador Bandeira, individual, do Porto, foi o primeiro nadador visitante. Por *équipes*, o *Beira-Mar* venceu brilhantemente, totalizando 6 pontos. A seguir classificaram-se: *Beira-Mar B*, 22 pontos, *Infante de Sagres*, do Porto, 29; *F. C. do Porto*, 41; *Marítimo*, da Murtosa, 57; *Náutico*, de Águeda, 64 e *Beira-Mar C*.

A realçar, as provas dos nadadores de Esgueira, João Soares e Evaristo Peralta, chegados em sétimo e nono lugares, do jóvem Felisberto Fortes e do veterano Cipriano Agostinho.

A *III Meia Milha* teve emoção e foi disputada com energia por todos os concorrentes na pista maravilhosa do Canal das Pirâmides, incomparável no nosso país.

O clube organizador conquistou cinco das seis taças em disputa: *Ria de Aveiro, Grêmio do Comércio de Aveiro, O Primeiro de Janeiro, Mestre Manuel Maria Mónica* e *José Donas*. O *Infante de Sagres* ganhou o trofeu *Grande Casino de Espinho*.

A corrida de bateiras, com pás, foi interessantíssima. Depois duma luta hercúlea e emocionante, a tripulação de Firmino da Naia alcançou a vitória.

Na prova de 300 metros, estilo livre, destinada a jóvens nadadores do *Beira-Mar*, alcançou o primeiro prémio Luís António da Paula.

O vencedor da corrida de caçadeiras a remo foi José de Pinho das Neves.

Para diputa da taça *Lúcio Estrêla Santos* correu-se, seguidamente, a prova de 100 metros, livres, destinada a crianças filiadas no *B. Mar*. Triunfou Adriano Graça, que fica, assim, com o seu nome ligado à referida taça.

Com a corrida de mercanteis a quatro remos, encerrou-se a *Tarde da Ria*. A equipa dos solteiros, com João de Pinho Vinagre a timonar, venceu a dos casados. Mas a dêstes partiu um remo logo de início, lutando, portanto, em circunstâncias desiguais. Disputaram-se prémios da *Casa Correia Ribeiro*.

Presidiu ao festival o sr. Governador Civil, fazendo também parte do Júri de Honra os srs.: Presidentes da Câmara e da Junta Autónoma, Engenheiro-Director da mesma Junta, Capitão do Pôrto, representante do *Primeiro de Janeiro*, Comandante do Regimento de Infantaria 10 e José Donas.

Festa de marnotos e pescadores, festa tipicamente aveirense, muito nossa, deve repetir-se todos os anos — se possível fôr com mais brilho ainda.

Remo

Dia a dia vai crescendo, entre nós, o interêsse pelos Campeonatos Ibéricos, que na próxima semana — 26 e 27 do corrente — se efectuarão na Figueira da Foz, em virtude de participarem nas provas os remadores aveirenses, pertencentes à Secção Náutica do *Club dos Galitos* que ainda o mês passado, no Porto, tão alto elevaram a nossa terra.

A *praia da claridade*, que vai viver horas de intenso entusiasma, terá como hospede, nesses dias, o sr. ministro da Marinha.

S. E.

NECROLOGIA

Faleceram: Rosalina da Graça Moura, de 15 anos, filha de Manuel da Graça Moura; Eulália Gomes das Neves, de 26, e Maria José de Matos Peixeira da Piedade, de 62, casada com o sr. José Simões Piedade e natural da Covilhã.

Á MARGEM DA GUERRA

A Fábrica Matford, de Poissy, na França ocupada, que produzia diàriamente 20 camiões para o exército alemão. A gravura dá um aspecto dessa fábrica no acto de ser atacada pela R. A. F. Notar os camiões à esquerda.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a menina Alice Fernanda Pinto, filha do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5; a sr.ª D. Joana Virgínia Luísa da Rocha e Cunha A. de Lemos, esposa do sr. dr. Rafael Amorim de Lemos, delegado do P. da República na Índia Portuguesa; o sr. Artur Candeias e o estudante Artur Moreira de Almeida, filho do sr. Armando Cardoso de Almeidae Silva, da Granja; àmanhã, o sr. Francisco dos Santos Silva, ausente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil); no dia 24, o sr. Morais Calado, da Drogaria de Aveiro, L.da; em 26, as sr.as D. Leonor Machado da Cruz e D. Maria Helena Lona Peres Graça, esposas, respectivamente, dos srs. dr. Manuel Rodrigues da Cruz e João Herculano Graça, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company da Covilhã; em 27, os srs. Ulisses Pereira, activo comerciante; José Martins Pires, professor em Anadia, e D. Célia Barreto de Moura; e em 28, a sr.ª D. Irene da Conceição Estima Martins, esposa do sr. António Augusto Martins, empregado na filial da Vacuum Oil Company de Coimbra, e o sr. José António Pereira de Macêdo Vasconcelos, antigo funcionário de Finanças, actualmente em Pessegueiro do Vouga.

Praias e termas

Veraneiam, com suas famílias, na praia do Farol, os srs. dr. Joaquim Henriques, António da Costa Ferreira, Alberto Vaz Pinto e Américo Teixeira; e na Povoa do Vazim o sr. dr. Viriato Gonçalves, jornalista do Primeiro de Janeiro, do Pôrto.

—Das Termas de S. Pedro do Sul regressou a esta cidade o sr. António Coelho e família; e de Espinho a Coimbra, com sua esposa e filho, o sr. António Augusto Martins, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company.

Partidas e Chegadas

Vindo de Cabo Verde, onde fez parte dum batalhão expedicionário, chegou a Lisboa, com sua esposa e filhos, o 1.º sargento-cadete Rui Ventura Rodrigues, que vem freqüentar a Escola de Agueda.

O recem-chegado, a quem cumprimentamos, é filho do nosso amigo sr. major Caria Rodrigues, sub-inspector dos serviços da Administração Militar.

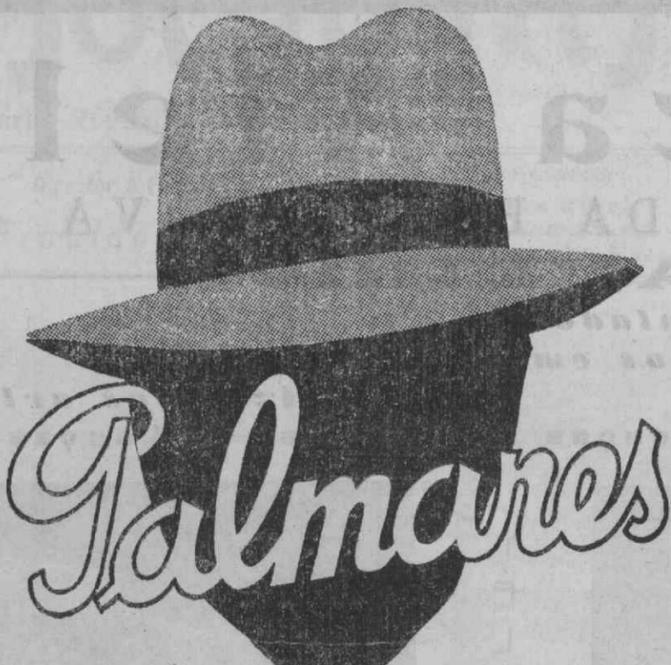
—Regressou da capital, onde há pouco se licenciou em Direito, o nosso conterrâneo dr. José Cristo, que vem para a sua terra exercer a advocacia.

—Está cá a passar algum tempo o nosso conterrâneo Joaquim Coelho da Silva, chefe de conservação de Estradas em Paredes (Douro) e esposa.

—Em gôso de licença partiu para Vila Verde, sua terra natal, o sr. tenente Abel António Nogueira, tesoureiro de Infantaria 10.

—Encontra-se em Coimbra, onde se demorará alguns dias, a sr.ª D. Regina da Luz Faria.

Doentes

Na Costa Nova adoeceu um filho do sr. dr. António Cristo, advogado na comarca, a quem desejamos completo restabelecimento.

Correspondências

Eixo, 17

No próximo domingo, 23, deve realizar-se na respectiva capela, a tradicional festa da Senhora da Graça, a qual constará de missa solene, sermão, procissão e arraial, sendo assistida pelas Bandas Eixense e de S. João de Loure.

—Com 74 anos, faleceu, no sábado, a sr.ª D. Maria do Rosário Dias Morgado, viuva do abastado proprietário Manuel Rodrigues Fernandes, falecido há 13 anos. A falecida era dotada de invulgares predicados que muito a impuzeram à estima e consideração de todos, pelo que o seu desaparecimento foi bastante sentido. Era mãi dos srs. José Nunes Marques Dias, industrial, e Manuel Nunes Marques Dias, abastado lavrador.

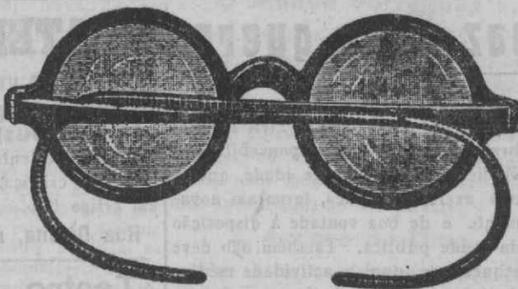
—Em gôso de férias encontra-se entre nós, com a família, o nosso bom amigo sr. dr. Alfredo R. Coelho de Magalhães, ilustre director do Instituto Comercial do Porto.

C.

Preza, 20

Depois de ter aqui passado a sua licença partiu, de novo, para a Ilha Terceira (Açores), o 1.º sargento sr. Salvador João Rodrigues, agora pertencente ao regimento de Infantaria 17.

Feliz viagem e as maiores venturas.

—Foi acometido de doença súbita a sr.ª D. Maria Carolina da Cunha Coelho Lopes, esposa do sr. Manuel de Sousa Lopes, tesoureiro da filial dessa cidade do Banco N. Ultramarino.

Desejamos-lhe completo restabelecimento.

C.

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	20$00
Semestre	11$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$40

Os recibos, cobrados pelo correio, são acrescidos de mais 1$00

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
5,58 (recov.)	11,15 (»)
6,37 (tram.)	15,41 (tram.)
10,42 (tram.)	19,34 (rápido) (1)
13,23 (rápido) (1)	21,52 (recov.)
17,24 (tram.)	Do Porto chegam tram. às 8,08 e 21,07 que não seguem.
20,40 (»)	

(1) Ás terças, quintas e sábados

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,56	10,31
13,35 (1)	12,42 (1)
16,14	19,11
19,42 (2)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

Doenças dos olhos

Encontram-se suspensas, até meados de Outubro, as consultas que, aos sábados, vêm dar ao nosso Hospital os srs. drs. Abílio Justiça e Cunha Vaz, médicos especialisados em doenças dos olhos, com consultório em Coimbra, o que se leva ao conhecimento dos interessados.

Oportunamente designamos a data em que os distintos clínicos retomarão as consultas nesta cidade.

A medicina na paz e na guerra

Ao leitor, sempre curioso, ávido de notícias que o Mundo de hoje é vasto em fornecer, pensámos dar-lhe uma divagação sôbre a organização sanitária que o célebre dr. R. Ramm, delegado para a especialização médica de Berlim, nos diz: «Uma das mais importantes condições do feliz desfecho duma guerra é a manutenção do bom estado sanitário da população do país em guerra. As entidades que superintendem nos nossos serviços sanitários, tiveram tal êxito no desempenho da sua missão, que os povos da Europa Central a-pesar-das circunstâncias impostas pela guerra, dispõem hoje dum nível sanitário, que quási não se diferencia dos últimos anos de paz, embora a experiência mostre que as guerras constituem um bom terreno para o alastramento de epidemias e de outras doenças calamitosas».

«A política alimentar seguida desde o comêço desta conflagração, contribuiu, em parte, para o êxito de tais esforços. Também as doenças infantis, como raquitismo, difteria, escarlatina e sarampo não aumentaram, em virtude das medidas profiláticas. Nos adultos os casos de doença também não aumentaram, a-pesar-de muitos homens novos e sadios terem sido substituidos nas fábricas por mulheres e homens já velhos.»

«Passados dois anos e meio, poude verificar-se com satisfação que o número de casos de doença no exército e no país devidos a epidemias e infecções é mínimo relativamente ao da Grande Guerra, embora as nossas tropas combatam as regiões onde grassam constantemente epidemias e embora a presença de milhões de prisioneiros de guerra e de trabalhadores estrangeiros no nosso país favoreça o alastramento de tais doenças. As medidas executadas pela Direcção de Saúde e o plano de distribuïção dos médicos fôram coroados de êxito em tôda a linha. Os êxitos registados no domínio sanitário devem-se ao cuidado do médico e às outras profissões ao serviço da saúde pública. Embora grande parte dos médicos civis se encontre ao serviço do exército, a assistência médica à população civil pode considerar-se suficiente. Não deve, porém, esquecer-se que o médico civil tem sôbre si um pesada responsabilidade. Médicos e médicas de idade, que já não exerciam clínica, tornaram novamente e de boa vontade à disposição da saúde pública. Também não deve esquecer-se que a actividade médica durante a guerra não é menor do que em tempo de paz. O número de indivíduos segurados contra doenças não diminuiu com a mobilização, visto pessoas um pouco idosas terem sido chamadas ao trabalho nas fábricas e na agricultura.»

Concluindo, o dr. Ramm disse: «Indiscutivelmente tôdas estas medidas contribuíram, em grande escala, para que a saúde pública e a capacidade de produção do povo, durante a guerra, nunca sofrêsse tão pouco na actual conflagração».

DIAS DA COSTA

Teatro Aveirense
CINEMA SONORO

Domingo, 23 (às 21,30 horas)
Vingança de condenados

Quinta-feira, 27 (às 21,30 horas)
A admirável comédia
Os 4 filhos de Adão

BREVEMENTE:
Um filme de flagrante actualidade
Os que não regressaram

Crónica sôbre os aspectos colhidos nas zonas ocupadas soviéticas

E' hoje geralmente conhecido que o Govêrno soviético pôs em acção, há uns anos para cá, com grande energia, a militarização e levantamento do seu país. Pode-se, mesmo, colher uma expressão viva da intensidade destas preparações prévias para a guerra e da sua acção incisiva exercida sôbre tôda a vida privada do cidadão sovietico, na sua origem. Assim, as habitações mal construídas dos trabalhadores e operários soviéticos, e também nas mais pobres cabanas dos camponeses, encontram-se, com uma frequência surpreendente, livros e folhetos de propaganda, impressos no papel mais ordinário que se possa imaginar. Na maioria das vezes os seus textos muito subtis e com numerosos desenhos, tratam preponderantemente da preparação pré-militar, da instrução militar, da técnica e seus progressos. Era especialmente freqüente terem como assunto a aviação e a aplicação da técnica referente a questões especiais da orientação da guerra.

As bibliotecas de aldeia, que não faltam em parte nenhuma, mesmo que a maior parte dos camponeses não saibam lêr, estão cheias disto. Evidentemente que os impressos de propaganda comunista (êstes quási sempre com uma tendência contra a Europa), ocupam-lhes a maior parte do espaço. Nessa propaganda os Estados europeus são apresentados como corruptos e em decadência, e em côres deslumbrantes é-lhes depois, pintado o paraíso soviético. Afinal um completo contraste em relação à verdade. Pròpriamente da Europa, porém, a população soviética nada sabe; vivem na crença de que à tudo e ainda muito pior.

O sentimento de superioridade sôbre a Europa, é, como se sabe, largamente propagado pela exaltação soviética. Os numerosos aparelhos de rádio que encontramos até mesmo nas aldeias mais distantes, fazem criar ao exagêro, esta exaltação prejudicial. Não eram mais do que um meio de que Moscovo se servia para dominar as massas. O rápido curso da sua derrota no verão passado e a inerente desorganização da administração soviética, trouxe—o vitorioso e seus aliados—à população das regiões ocupadas um estado psicológico inteiramente novo. Com a quebra do regime, que tinha penetrado profundamente em cada pormenor da vida familiar, resultou, pela primeira vez, um vácuo psíquico. E em muitos locais despertou novamente a vida religiosa. Os fragmentos da antiga cultura popular já meio esquecidos, juntamente com as suas festas ligadas às Estações do Ano, as suas canções populares, quási tudo isto proibido sob o regime soviético, surgiram de novo.

Agora, mercê da vitória, há um esfôrço para que a população construa uma existência orientada segundo as normas europeias. Como primeiro exemplo disto, podemos citar a Nova Reforma Agrária, que procurou transformar, progressivamente, os trabalhadores rurais de Kolch em camponeses autónomos. Os artífices fôram, agora, chamados para o serviço de fábricas ou transformados em empregados dos postos de oficinas de reparação das estradas, de tractores, etc. Foi permitido e requerido o funcionamento autónomo de oficinas e de novas escolas de artífices para a formação duma nova geração. E foram trazidos utensílios de trabalho manual, vindos do Reich para a Ucrânia e para a Rutênia Branca.

Assim, passo a passo, são construídas novas bases, sôbre as quais se pode desenvolver e progredir, na Ucrânia e na Rutênia Branca, uma vida popular sã. Por tôda a parte se pensa, a par das necessidades imperiosas da guerra, substituir gradualmente as formas de vida soviética por outras que melhor se adaptem aos desejos da população.

JOÃO C. REINALDO